



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

ELIANE MARIA QUEIROZ

**UM ESTUDO SOBRE AS “ESTÓRIAS DE SE CONTAR”, DE PIEDADE
FARIAS**

**GUARABIRA
2021**

ELIANE MARIA QUEIROZ

**UM ESTUDO SOBRE AS “ESTÓRIAS DE SE CONTAR”, DE PIEDADE
FARIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Brasileira
Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

Q3e Queiroz, Eliane Maria.
Um estudo sobre as "Estórias de se contar", de Piedade Farias [manuscrito] / Eliane Maria Queiroz - 2021.
50 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Literatura oral. 2. Literatura popular. 3. Memória coletiva. 4. Estórias. I. Título

21. ed. CDD 398.5

ELIANE MARIA QUEIROZ

**A LITERATURA ORAL E POPULAR NO PROCESSO DE
PERPETUAÇÃO DE NOSSAS MEMÓRIAS: UM ESTUDO SOBRE
“ESTÓRIAS DE SE CONTAR”, DE PIEDADE FARIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa de Graduação em Letras, da
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB),
como requisito parcial à obtenção do título de
Graduada em Letras, com habilitação em
Língua Portuguesa.

Aprovado em: 28/05/2021.

BANCA EXAMINADORA

Rosângela Neres A. Silva

Profª. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

William Sampaio Lima de Sousa

Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Eduardo H. C. Valões

Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valões
Universidade Federal da Paraíba (UEPB)

Dedico esse trabalho aos meus poetas
conterrâneos, aos que ficam às margens, aos
profissionais que tem a essência, aos que se
preocupam e se dedicam com nosso patrimônio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me concedeu forças, que renova a cada manhã, por sua misericórdia infinita. Aos meus pais Severina Paula Queiroz e Antônio Rodrigues do Nascimento, que mesmo com toda humildade, me ensinou os valores de uma vida. Ao meu esposo João Batista Francisco Belmiro, a minha filha Lavínia Queiroz Belmiro, que tenho o desejo de deixar essa herança, a minha sobrinha postiça Maria Helena Soares de Lima, que me ajudou de maneira singular, só o Senhor para te recompensar.

Aos meus familiares, em especial a minha avó, Vitória Ferreira da Silva in memória, que com leveza viveu sua vida e nos deixou esse legado.

À minha orientadora Rosângela Neres Araujo da Silva, por acreditar nesse sonho, que se tornou realidade, feliz aquele que conhece pessoas assim, que amam o que faz, que se doa, obrigada por todo apoio.

Aos professores que fizeram parte de minha banca examinadora, os professores Willian Sousa e Eduardo Valones, pela leitura e observações em meu texto.

“O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual.”

Ecléa Bosi

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A LITERATURA ORAL	9
3 RESISTÊNCIA DA CULTURA POPULAR	14
4 EVOCANDO AS “ESTÓRIAS DE SE CONTAR” DE PIEDADE FARIAS	17
4.1 As perguntas do vassalo e as respostas do matuto.....	19
4.2 Tíssima e o rei	20
4.3 As três filhas do rei e o bicho da cara de carneiro	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS	23
ANEXOS	24

UM ESTUDO SOBRE AS “ESTÓRIAS DE SE CONTAR”, DE PIEDADE FARIAS

Eliane Maria Queiroz¹

RESUMO

Este trabalho pretende aproximar gerações, ressaltando nossa identidade cultural, nossa raiz, através da análise de poemas do livro “... Estórias de se contar”, de Piedade Farias (2003), que resgata a literatura oral e popular nordestina. Procura, ainda, justificar a importância da literatura oral, no processo de perpetuação de nossas memórias. Para tanto, está fundamentado nos pressupostos de estudiosos que se preocupam em destacar o mérito da literatura de tradição oral, que tem compromisso engajado em denúncias sociais, a exemplo de Schiffler (2017), Arantes (1990), Bosi (1994), Moreira (2015), Sousa (2015), dentre outros, que nos levam a compreender o que são a cultura popular, a literatura oral e de que maneira as memórias coletivas perduram em nosso patrimônio cultural. Vemos, assim, que em contraposição às imposições da elite da sociedade brasileira que procura enaltecer uma cultura homogênea, uma ideologia que não se relaciona ao contexto histórico-cultural, e sem uma reflexão do que envolve cada símbolo, literário, cultural e artístico de nosso povo, a valorização da oralidade e a perpetuação da memória são fundamentais no reconhecimento de nossas raízes.

Palavras-chave: Literatura oral. Literatura popular. Memória coletiva. *Estórias*.

ABSTRACT

This work intends to bring generations closer together, emphasizing our cultural identity, our root. It also seeks to justify the importance of oral literature in the process of perpetuating our memories. Based on the theoretical assumptions of authors / writers who are concerned with highlighting the merit of oral tradition literature, which is committed to social complaints. Analyzes the book "... Stories to tell" (Piedade Farias), which rescues oral / popular literature from the Northeast. For that, we consulted authors such as Zumthor, Schiffler, Arantes, Bosi and Moreira, to understand what popular culture, oral literature are and how collective memories endure our cultural heritage. In contrast, the elite of society seeks to show a homogeneous culture, an ideology that is not related to the historical cultural context, without a reflection of what each symbol involves, literary or not, cultural and artistic.

Keywords: Oral literature. Popular literature. Collective memory. Stories.

¹ Graduanda em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
E-mail: elianeeliane1237@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este artigo traz algumas reflexões sobre nosso patrimônio cultural, como ele foi construído, desde sua base e quais os elementos que contribuem para a sua existência. A literatura oral serviu como base para as demais produções literárias, essa arte é fonte de conhecimentos que carrega valores que contribui no processo de formação das sociedades, do saber coletivo.

Começamos nossa reflexão a partir da análise do livro “... Estórias de se contar”, cujos textos são de uma contadora de estórias. Vale salientar que ela não dominava leitura /escrita escolares e sistematizadas, usou de sua memória para transmitir para nossa geração seus conhecimentos, reafirmando a importância da literatura oral. Piedade Farias, a escritora que transformou essas estórias em um trabalho artístico, encanta-nos com versos poéticos e uma viagem às nossas raízes.

O livro intitulado “... Estórias de se contar”, de Piedade Farias, foi publicado em 2003, pela editora Ideia e ilustrado por Rose Catalão, com imagens em xilogravura. Embora o livro contenha seis estórias contadas em verso, iremos nos deter em apenas três delas: “As perguntas do vassalo e as respostas do matuto”; “Tíssima e o rei”; “As três filhas do rei e o bicho da cara de carneiro”, para mostrar a herança cultural de nossa região.

Com enredos divertidos e românticos, a obra contém recortes clássicos, a presença marcante de heróis e personagens, a prosa amálgama com a poesia. Essas estórias narradas por Vitória Ferreira da Silva, e recontadas por Piedade Farias são resultado de um trabalho interminável, numa importante função de segmento social. Juntas desenvolveram formas artísticas, que expressam uma luta implícita de identidade cultural, valorizando a literatura popular brasileira, sendo, pois, um verdadeiro resgate da nossa tradição.

No próximo tópico deste artigo, situamos a literatura oral; no terceiro ponto, mostramos a resistência da cultura popular e a importância da valorização da memória; no quarto tópico de nosso TCC, comentamos os textos que compõem o *corpus* de nossa pesquisa; e por fim, apresentamos as considerações finais e as referências que nortearam nossa pesquisa.

2 A LITERATURA ORAL

A literatura oral é tudo aquilo que é passado de geração a geração, sem ser necessário estar concretizado em escrita; as principais são: lendas, trava-línguas, anedotas, piadas, provérbios, rezas, adivinhas, contação de estórias, contos, mitos, narrativas maravilhosas,

difundidas pelos trovadores, em jograis e menestrelis, a corte se reunia para apreciar as encenações cantadas. Na Europa medieval, grande parte da população não possuía a habilidade escrita, então tinha acesso a literatura por meio da oralidade, encenada, cantada ou falada.

A preocupação dos estudiosos em pensar a literatura oral, como conhecimento científico, surgiu a partir da necessidade de manter as tradições e memórias populares. Muitos estudiosos do exterior já haviam pensado na importância e valor dessa forma de arte, como fonte de conhecimento, além de entretenimento. Via-se que ela transmitia valores indispensáveis no processo de formação das sociedades em todo mundo, o que ocasionou o pioneirismo dos estudos de Paul Zumthor sobre o registro dessa literatura. Com o advento da escrita, a literatura oral continuou em ação, pois só ela conseguia passar aos ouvintes todo o significado em forma de expressão, com suas pausas, mímicas faciais, gestos e movimentos do corpo, em uma performance única e singular, a voz de um “eu” coletivo, um universo cultural, que se anuncia, por vezes na escrita “verbo encarnado na escrita” (apud MOREIRA, 2015, p.113). Embora queiram apagar a literatura oral ou marginalizá-la, sabemos que ela foi, e é a base de todas as produções literárias.

O estudioso, crítico literário, historiador da literatura e linguista suíço Paul Zumthor, que escreveu várias obras, a exemplo de *Introdução à Poesia Oral* (1983); *A Letra e a Voz “Literatura Medieval”* (1987); *Performance, Recepção, Leitura* (1990). Um autor que a academia precisa apresentar aos seus discentes. A principal responsável pela tradução de suas obras aqui no Brasil foi nossa conterrânea, natural do estado da Bahia, Jerusa Pires Ferreira: ensaísta, professora de literatura e comunicação. Zumthor foi um dos que se interessou em catalogar e pesquisar fontes que comprovassem a importância e a eficácia da literatura oral como forte papel social na formação dos valores sociais e culturais das sociedades. O crítico literário, que é medievalista observou a literatura medieval, que é de base oral, mesmo com a criação grega do alfabeto, que originou a escrita imposta pela elite, a literatura oral não perdeu seu brilho, pelo contrário, continuou, até os dias atuais.

Mesmo com todo amparo tecnológico de nossos dias, a literatura oral se mantém viva, nas contações de histórias, nas rodas de músicas e danças, em eventos culturais e regionais. A pessoa que realiza a performance é a mesma que cria/recria o texto oral, logo é também autor, narrador e transmissor da mensagem que é passada e recepcionada. Com a magia elucidada em sensações/emoções existentes nos espetáculos cantados, falados ou declamados carregados de fortes expressões/significação, com a voz do grupo a que pertence, torna-se algo único e singular.

Na linha de pensamento conceitual de Paul Zumthor, era preferido utilizar o termo vocalidade ao invés de oralidade; pois, segundo ele, a oralidade estaria ligada ao uso corriqueiro da língua, no processo de comunicação; já a vocalidade, seria equivalente a potência da voz, no tom, timbre, amplitude, ritmo, com o poder de encantar, fascinar e prender a atenção de seu público, com performance única. (SOUSA, 2015, p.187). A escrita zumthoriana por si só, já é poesia, que encanta e fascina seus leitores, pois o escritor para falar ou explicar um conceito, lança um devaneio poético.

A literatura oral e a escrita caminham juntas em harmonia, pois nem uma anula a existência da outra. A discussão entre a divisão oral e escrita foi elucidada a partir do século XVI. Se voltarmos às sociedades antigas, a exemplo da Europa Medieval, que apesar de conhecer a escrita, mas sem o acesso para toda a população, a literatura era apreciada pela massa populacional na modalidade oral, com apresentações cantadas ou encenadas.

Retomando o olhar para o nosso país, o Brasil ainda possui altos índices de analfabetismo ou mesmo números elevados de analfabetos funcionais. Isso incute uma mentalidade preconceituosa de que existe uma cultura “melhor” e “mais importante” que outra. A esse respeito, vejamos o que aponta Lemaire,

[...] o que as elites políticas querem que aconteça – a saber, que morram as línguas e culturas regionais por serem os suportes principais dos milhares de pequenos “nacionalismos” tradicionais – transforma-se em base de organização e em teoria científica do ensino superior: as culturas regionais serão marginalizadas e desprezadas ou até completamente ignoradas; os estudantes aprenderão que elas são inferiores e estão fadadas à morte perante a superioridade da cultura nacional. (apud SCHIFFLER, 2017, p.19)

Em sociedades não letradas, a necessidade de se comunicar/expressar começou com a poesia oral, sendo encenada, cantada ou falada, e esteticamente organizadas a partir do uso de marcas e figuras de linguagem, tais como: metáforas, metonímias, eufemismo, antíteses, paradoxos, ironias e sinestésias. Também ocorre o uso de recursos poéticos como a métrica, a rima, a assonância e aliteração.

Cascudo (1983, p.429) afirma que “A Cultura Popular é um patrimônio de sabedoria oral, de memória coletiva, que antecedeu a Ciência, porém absorve o novo, já que nenhuma cultura é independente.” Portanto não pode ser dita como ágrafa.

O próprio Zumthor quando jovem também fora atraído por um canto, em uma das ruas de Paris de 1930, parecidos com os nossos vendedores de cordel, que recita seus versos em feiras livres. Vejamos um trecho dessa experiência descrita em uma das crônicas do autor:

Nessa época, as ruas de Paris eram animadas por numerosos cantadores de rua. Eu adorava ouvi-los: tinha meus cantos preferidos, como a Rua do Faubourg Montmarthe, a Rua Saint-Denis, meu bairro de estudante pobre. Ora, o que percebemos dessas canções? Éramos quinze ou vinte troca- pernas em trupe ao redor de um cantor. (...) havia um texto, em geral muito fácil, que se podia comprar por alguns trocados, impressos grosseiramente em folhas volantes. (...) o que nos havia atraído era o espetáculo. Um espetáculo que me prendia (...) era a canção. Ocorreu-me comprar o texto. Lê-lo não ressuscitava nada. (apud SOUSA, 2015, p. 28-29).

Um exemplo nosso seria um vendedor de Cordel em uma feira livre que realiza uma performance para atrair seu público, por vezes finge que está lendo, abrindo e passando as páginas, quando muitas vezes nem sabe ler. Outro fato bastante parecido em nosso país são os duelos de improvisos de repentistas, que realizam o espetáculo na hora, buscando as palavras que dão assonância, ritmo e musicalidade ao duelo.

Ter a definição precisa do que é literatura oral é algo inalcançável, pois está ligada a imersão de múltiplas culturas, híbridas, mescladas, que se movimentam no tempo e no espaço. Zumthor dá o nome dessa característica da literatura oral de Nomadismo, que podem ser de quatro tipos: antropológico, da voz, da letra, gênero textual. Uma inspirando outras, transmitindo sentimentos/emoções, reflexões de condutas morais e étnicas. Em suma essas vozes de maneira simbólica e subjetiva nos mostra a representação de si e do mundo, contendo aspectos literários como estética, ritmo e sonoridade/dicção.

A literatura oral/popular vem da palavra povo, feita por estes e destinadas aos mesmos, como pensamento revolucionário, com o objetivo de trazer as reflexões necessárias para construção de valores, ligadas a identidade nacional, como ser pertencente a um grupo, estabelecendo vínculos com o passado. A literatura oral é o fazer de uma organização social, que transmite, em suas memórias, a arte de representar o mundo com significados e simbologias, transmitindo sensações, sentimentos, emoções e reflexões críticas de valores morais e sociais (FONSECA, 1996). A literatura oral expressa, em sua identidade cultural, a edificação de valores por mecanismos de que expressam e denunciam a violação de direitos.

Alguns críticos tentam apagar ou menosprezar a literatura oral, uma ordem dada pela elite dominante, aquela que detém o poder. Em meados do século XX, o ensino no Brasil nega as artes de língua e cultura popular, com o discurso falso de “nacionalismo”; porém esse esforço foi em vão, pois percebemos que só a literatura oral é capaz de trazer consigo toda a carga de expressão e significação cultural. As novas mídias representam um reflexo do esforço da humanidade, para recontar/recriar a autenticidade da nostalgia de vozes. Destaquemos o pensamento de Lamaire sobre essa temática:

Representava, e até hoje representa, uma busca de trazer, à cena contemporânea, as tradições que sempre foram apagadas e/ou se apresentavam como incompreensivelmente exóticas ou diferentes, no olhar dos agentes do vetor considerando alto da cultura brasileira. (SHIFFLER, 2017, p.7).

Na ótica de Zumthor (1993), o nomadismo equivale semanticamente ao conceito de movência. O nomadismo pode ser classificado em algumas categorias como: movimento do homem de lugar para outro lugar; de uma narrativa oral de pessoa para pessoa; de uma narrativa oral que migra para escrita; de um texto escrito que migra de gênero. Já o conceito movência está ligado a intervocalidade e ao arquétipo, os ecos que ligam textos orais a outros. (SOUSA, 2013).

Todo texto registrado pela escritura, como lemos, ocupou pelo menos, um lugar preciso num conjunto de relações móveis e uma serie de produções múltiplas, no corpo de um concerto de ecos recíprocos; uma intervocalidade, como a “intertextualidade. (apud SOUSA, 2015, p.144).

É evidente a base em oralidade em produções literárias de Portugal, os livros de linhagem, história da genealogia de seus antepassados com mescla de características oriundas da literatura oral, como o fantástico/imaginário da Idade Média e seus heróis de punho épico. O Brasil é um laboratório à céu aberto, acerca da herança dessa oralidade citada anteriormente, podemos nos certificar essa afirmação na escrita de Guimarães Rosa, que escreve como se fosse para uma plateia, um discurso singular, contendo significados/expressão para o momento histórico da época. Vejamos:

A literatura oral é funcional na medida em que responde a uma necessidade e a uma utilidade social. Por um lado, constitui um meio de preservar e transmitir de forma expressa ou não os elementos essenciais da memória coletiva; por outro lado, as memórias são susceptíveis de serem adequadas às necessidades cruciais num dado momento histórico. (FONSECA, 1996, apud SCHIFFLER, 2017, p.25).

A literatura oral vem nos despertar como tudo começou, sua importância para uma base identitária de uma construção de valores, essa literatura busca agir e defender seus direitos violados, uma forma de resistência por meio de manifestações de compromisso cultural. É um erro menosprezar a literatura oral e popular, por não ser arquivada ou eternizada em páginas. Ela impulsiona, com compromisso cultural, nosso universo simbólico.

Como afirma Arantes (1990), a organização social é algo abstrato e de difícil construção em qualquer tipo de arte, dentre elas, a literatura oral/popular, pois seu produto é oriundo de

retalhos, cacos e fragmentos da falsa ilusão de homogeneidade ditada por padrões de interesses dominantes.

3 RESISTÊNCIA DA CULTURA POPULAR

No universo da cultura, entende-se que ela não é apenas folclore, não são coisas materiais, não é discurso retórico, não é estática e não é “cultura de massa”. Além de ser um conjunto de mitos, lendas, hábitos, artes, danças, festas, religião, que representam formas de expressões responsáveis por uma determinada organização social, a que uma determinada comunidade pertence, com evento atemporal que visita o passado, assegura o presente e cria expectativas para o futuro, que passa de geração a geração com o saber coletivo, sobre sua visão de mundo.

É um fenômeno social, de processo contínuo, dinâmico e reciclável e interfere em todas as esferas sociais de nossas vidas: no cotidiano (relacionamento com o próximo), na religião, na educação e na política. A cultura é feita de maneira organizada e pensada, com o objetivo de trazer a reflexão e consciência de si mesmo, um tipo de ação sobre a realidade atual.

Neste sentido, Arantes define cultura como:

[...] todas as nossas ações sejam na esfera do trabalho, das relações conjugais, da produção econômica ou artística, do sexo, da religião, das formas de comunicação e solidariedade, tudo nas sociedades humanas é constituído segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos ‘Cultura’.
(ARANTES, 1990, p.34)

Em uma escala de múltiplas culturas não existe uma melhor que a outra, pois elas são híbridas, mescladas e permeiam umas às outras, sofrem alterações constantes, seja mudanças internas ou externas, a exemplo de: eventos históricos, fenômenos naturais, tecnologia ou conflito de contato político. O termo cultura é carregado por fortes ideologias, que levam os homens a uma visão etnocêntrica, sem ver a cultura de outro em seu contexto histórico/social, então desvaloriza aquelas realizadas por pessoas de baixo poder aquisitivo, a luta desleal do “Saber” e o “Fazer”. Cascudo (1983) afirma que “A Cultura Popular é um patrimônio de sabedoria oral, de memória coletiva, que antecedeu a Ciência, porém absorve o novo, já que nenhuma cultura é independente.”

Assim, vemos que a elite mais uma vez aprisiona e detém o poder sobre a cultura. Como o termo já diz, cultura popular advém da palavra povo, aquela feita por estes e destinadas aos mesmos, como pensamento revolucionário, com o objetivo de trazer as reflexões necessárias

para construção de valores ligados a identidade nacional, como ser pertencente a um grupo, estabelecendo vínculos com o passado.

A cultura popular contém eventos engajados em denúncias sociais, de maneira simbólica, expressando a luta explícita de identidade nacional. As elites ditas como cultas, que controlam a sociedade, dão uma nova roupagem quando camuflam a ilusão de homogeneidade social, maquiagem a desigualdade existente, que ao tentar realizar produções artísticas, ditas como cultura popular criam novos significados, não tendo nenhuma reflexão de si ou do mundo, mas apenas como forma de entretenimento e diversão, a indústria cultural financiada pela elite social apropriou-se da supremacia do “Saber” e mesclou elementos populares com elementos eruditos, para comercialização e visando lucro. Temos então uma literatura de consumo, onde a pessoa que escreve procura ser parecido com a fala do possível leitor. Essas recriações infelizmente cortam as raízes populares, como acontece nos grandes espetáculos que trazem novos significados aos valores simbólicos.

Como que num exorcismo, esses fragmentos que teimam em emergir aqui e ali, em momentos cruciais de nossas vidas, são deslocados para o passado e para outros lugares. O que é identificado e escolhido como elemento constitutivo das tradições nacionais é recriado segundo os moldes ditados pelas elites cultas e, com nova roupagem, desenvolvido, digerido e devolvido a todos os cidadãos. (ARANTES, 1990, p. 18).

Em suma, a cultura é um todo capaz de relacionar o passado com o presente e futuro através de símbolos, respectivamente revisitando, assegurando e tendo uma perspectiva. Isso é possível graças a alguns elementos como a memória, o trabalho incansável de pessoas interligadas à ação social e a linguagem.

É um erro menosprezar a arte vinda do povo, vista pelos vetores que moldam a sociedade como desprovida de qualidade artística/cultural. Nossa região Nordeste, por exemplo, possui os escritores de Cordel, que trazem em seus escritos uma reflexão metafórica de seu segmento social, uma luta mais que explícita de identidade.

A literatura popular que é feita e destinada para o povo é vista com o preconceito em relação a classe em que pertence, entretanto, ela impulsiona com compromisso cultural que todos nós possuímos. Como afirma Arantes (1990),

[...] arte é construir em cacos e fragmentos, um espelho onde transparece, com as suas roupagens identificadoras particulares, e concretas, o que é mais abstrato e geral num grupo humano, ou seja, sua organização, que é condição e modo de sua participação na produção da sociedade. Esse é, a meu ver, o sentido mais profundo de cultura “popular” ou outra. (ARANTES, 1990, p.78).

A memória sempre foi de grande importância, mas nos dias em que estamos vivendo ela se tornou essencial em nossas vidas, os registros de memória nos têm dado um acalento, um consolo. As pessoas que fizeram parte de nossa história, que contribuíram diretamente ou indiretamente no processo de formação de identidade, nos deixaram uma herança, um legado em diferentes registros de memória, que podem ser físicas ou psicológicas, podem ser de modo concreto como fotografias, cartas, quadros, diários, livros, documentos ou aquelas lembranças diretas que nos levam a ter sensações, sentimentos, emoções ou cheiros, possibilitando uma nostalgia, que não queremos perder no tempo e no espaço. A literatura tem esse papel de tornar a público esses registros e testemunhos de fatos que ocorreram, esses dados históricos nos permitem dar continuidade nas memórias, que consequentemente passaremos para as futuras gerações, perpetuando nossas raízes.

A obra que analisaremos a seguir foi oralizada por uma contadora de histórias analfabeta e a escrita possibilitou abranger essas memórias para outras pessoas que não tiveram acesso direto a esse tipo de prática cultural, em que antigamente as pessoas se reuniam para ouvir as fantásticas histórias ao anoitecer, na frente de casa ou ao redor da mesa da ceia depois do jantar.

A memória coletiva é um tesouro, um patrimônio que cada sociedade possui, um trabalho infinito do refazer o presente com olhar crítico, buscando refletir sobre as crônicas da vida, de cada fato ou acontecimento silenciado. Um indivíduo que não troca suas experiências, suas lembranças ou registra de algum modo, é como que este não existisse. Um dado acontecimento/fato histórico, pode ter várias leituras, diferentes contextos. A luta dos que estão às margens da sociedade é justamente manter viva suas memórias, a essência de suas culturas; são ecos de vozes errantes, de denúncias sociais.

Vamos por nossas lembranças em prática. Se recordarmos de uma obra lida, na fase da juventude, com certeza só iríamos lembrar/guardar na memória o que fora agradável; já na fase adulta, a leitura da mesma obra seria outra, com um olhar crítico, no contexto atual. Bosi tece o seguinte comentário:

Parece que estamos lendo um livro novo ou, pelo menos, um livro remanejado. [...] porque só agora reparamos em certas passagens, em certas palavras, certos tipos, certos detalhes de ambientação que nos tinham escapados da leitura inicial; o nosso espírito, hoje, mais atento à verossimilhança da narrativa e à estrutura psicológica das personagens, move-se em uma direção crítica e cultural que, evidentemente, não podia entrar nos quadros mentais da primeira leitura.” (BOSI, 1994, p.19)

As pessoas longevas, conseqüentemente tem mais experiências vividas, carregam em suas memórias com exatidão as reflexões de si e do mundo, se forem compartilhadas contribuem socialmente, o problema é que em alguns lugares o sistema não permite, ou não enxergam a importância da função social dessas pessoas. Não percebem que logo virá o amanhã, e teremos outras vítimas desse sistema, que podem ser os mesmos que não apoiam as memórias. Valorizar as memórias é um exercício de lapidação do espírito, articulando-as com nosso presente atual.

4 EVOCANDO AS “ESTÓRIAS DE SE CONTAR”, DE PIEDADE FARIAS

Nesse tópico do artigo, iremos, pois, justificar a importância da oralidade na perpetuação da literatura popular, bem como a valorização de nossas memórias, isso porque a obra analisada intitulada “Estórias de se contar”, de Piedade Farias, nos mostra um trabalho artístico de estórias de tranco recontadas em versos, afirmando a importância da Literatura Oral.

A obra citada acima, publicada em 2003, pela Editora Ideia, trata-se daquelas que permeiam nossa infância e nos acompanham até o fim de nossas vidas, essas que veremos logo a seguir foram oralizadas por uma contadora de estórias. Vale ressaltar que ela era analfabeta e guardou em suas memórias essas estórias, passando-as para nossa geração e resgatando a tradição oral que desenvolvia de maneira simples e ao mesmo tempo maravilhosa em suas expressões, preservando a cultura oral/popular brasileira, um dos nossos grandes patrimônios.

FIGURA 1: Capa do livro “Estórias de se contar”



Quem não gosta de ouvir estórias? Mesmo aquelas oriundas do imaginário popular, de tradição oral, onde a prosa amálgama com a poesia? Vitória Ferreira da Silva, a contadora de estórias, uma sertaneja natural da Paraíba, nasceu em Santana do Catolé do Rocha, no ano de 1913. Escutou as estórias contadas por sua madrinha de fogueira. Não sabia ler nem escrever, mas oralizou as narrativas que a escritora Piedade Farias transcreveu e organizou em versos poéticos que nos permite uma viagem as nossas raízes, nossa memória, nossa identidade cultural. Como foi relatado anteriormente o livro em questão, tem por título “Estórias de se contar”, recontadas/escritas e ilustrado por Rose Catalão no formato de xilogravuras.

FIGURA 2: Xilogravura de “Estórias de se contar”



Neste artigo, mostramos a leitura de três textos do livro composto de seis estórias, composições que resgatam a literatura oral nordestina, com elementos fantásticos. As seis estórias da obra são: “As perguntas do vassalo e as respostas do matuto”; “Tíssima e o rei”; “A estória de Aninha”; “O velhinho misterioso”; “As três filhas do rei e o bicho da cara de carneiro”; “O triste fim de Domiro a espera de Guimar”. Para a escolha das estórias analisadas, o critério utilizado procurou mostrar as principais violações sociais sofridas no meio em que estamos inseridos e a simbologia dos reinados existentes nas estórias refere-se a uma crítica a classe dominante.

4.1 As perguntas do vassalo e as respostas do matuto

O texto contém trinta estrofes oitavadas, formadas por redondilhas, contendo rimas pobres. Essa primeira estória conta sobre um rei astuto, que junto ao seu vassalo colocava horror sobre todos. Esse rei intolerante desafiava os príncipes de outros lugares, com perguntas enigmáticas que ninguém sabia as respostas, todos que recebiam as perguntas não voltavam do desafio, e isso lhes causava aflições e aumentava o ego daquele rei, que oferecia a mão de sua filha para aquele que acertasse.

O interessante é que as perguntas eram feitas em linguagem não verbal e as respostas deveriam ser dadas da mesma maneira. Certo dia, um príncipe do reinado vizinho receberam o desafio de comparecer ao castelo do rei para responder as perguntas daquele súdito. Seu empregado, que logo temia pela vida do príncipe, ofereceu-se para ir em seu lugar, preparou-se para a viagem levando consigo um saco de pão. Chegando ao destino, entrou em uma das salas do castelo para responder o desafio que fora feito pelo vassalo do rei. Eram perguntas feitas por meio de gestos que deveriam ser respondidas por gestos também. Para o espanto de todos, o matuto acertou todas as perguntas feitas pelo vassalo do rei, graças ao seu conhecimento de mundo e esperteza, salvando o príncipe que ganhou a mão da filha daquele rei orgulhoso.

O fato, o rei acatou
 Tinha o matuto acertado
 Aí mandou chamar o príncipe
 E todos do seu reinado
 Fez festa, cumpriu o trato
 E assim o caso encerrou
 Dando a mão da sua filha
 Que com o príncipe casou.”
 (FARIAS, 2003, p.26)

O plano de fundo define um herói, o matuto que vence o desafio, as etapas da vida sem nenhuma arma, foi forte e corajoso, como um bravo sertanejo. Retrata um texto divertido, em que a esperteza do matuto espontâneo, que mesmo frágil diante das adversidades, torna-se forte com sua inteligência. Ariano Suassuna em sua obra “Auto da Compadecida”, encontramos o personagem João Grilo, que é esperto como o matuto dessa estória, corroborando com o nomadismo que Zumthor conceitua, existindo diálogos entre os enredos. A estória é oriunda de coleta oral, ou seja, de uma narrativa oral que migra para escrita, o que Zumthor conceitua como nomadismo da voz para letra. Ainda estão presentes neste texto: o nomadismo da voz quando ao contar uma mesma estória, no formato oral adicionar fatos ou personagens

recriados(intervocalidade); nomadismo do gênero, saiu do texto em prosa/dramático para versos poéticos, podendo conter intertextualidades relaciona-se com outros textos.

4.2 Tíssima e o rei

Tíssima era uma humilde e bela donzela, que morava com seus pais em um pequeno povoado, com poucas oportunidades. Ela queria apenas trabalhar, mas só porque era mulher esse direito lhe era negado. Foi então que teve a ideia de se passar por homem, mudou o nome para Pires, cortou os cabelos, se vestiu com calças e gibão e saiu pelo mundo afora em busca de melhores condições de vida.

Tíssima não se acomodou com a situação que lhe era proposta, afastando-se daquele ambiente muito parecido com o que acontecia com os retirantes da seca nordestina, que fugiam para as regiões sul e sudeste do país em busca de melhores condições de vida. Mas o “herói” desta vez era uma mulher, forte, determinada, que luta por seu espaço social, no meio em que se encontra inserida, uma crítica ao preconceito social.

Tíssima tinha o dom de conversar com os animais e era amiga de todos. Os animais se prontificaram a ajudá-la quando precisasse. Depois de muito caminhar, avistou um lindo castelo com um jardim florido, onde pediu um emprego; conseguiu trabalho, abrigo e passou por grandes sufocos, pois como estava disfarçada de homem, a rainha passou a persegui-la.

Naquela noite inteira
foi em Pires que pensou
e logo um plano ela armou
foi quando Tíssima escutou
três pancadas em sua porta,
abriu e a rainha entrou
dizendo: “Deixe que eu durma
essa noite com o senhor.
(FARIAS, 2003, p.37)

Como se passou por homem, atraiu o olhar da rainha. Nessa estória, vemos então um arquétipo da história bíblica, em que o personagem José, que fora preso injustamente, por não ceder os caprichos da esposa de seu senhor, um capitão da guarda do palácio. (GÊNESIS 39:20). Podemos perceber mais uma vez um recorte de nomadismo da voz, que essa estória “Tíssima e o rei”, fora oriunda da Literatura Oral com intertextos influenciados pela Bíblia, como toda a literatura ocidental. Em ambas as histórias, a verdade prevalece e o bem vence o mal.

4.3 As três filhas do rei e o bicho da cara de carneiro

Essa estória mostra um rei vaidoso, muito rico, dono de terras e fortunas a perder de vista. Tinha três filhas amorosas, bondosas e formosas. Certo dia esse rei, cego por sua vaidade, indagou-se será que sou muito amado por minhas filhas? Então teve a ousadia de chamar suas filhas para saber o quanto elas o amavam. Primeiro chamou a filha mais velha, que estava no jardim do castelo, muito boa com as palavras convenceu que amava o pai, dizendo assim: “Meu pai, nesse belo instante/ em que a natureza festeja/ com luz rosada e brilhante/ o momento do arrebol,/ eu te digo, com certeza, /que te gosto como o sol.” (FARIAS, 2003)

A resposta da filha deixou o rei com o ego elevado e então chamou a filha do meio e fez a mesma pergunta, ela olhou para o céu e disse: “diante dessas estrelas/ brilhante na noite nua/ e eu, como filha tua/ digo com toda certeza/ que te gosto como a lua.” (FARIAS, 2003). O pai ficou satisfeito com todo aquele amor declarado, e, no jantar, o rei vaidoso perguntou à filha mais nova “como me gostas?” Mas essa não foi muito boa com suas palavras, embora amasse muito seu pai e a resposta foi: “Meu pai,/ diante da mesa posta/ com fartura sem igual/ eu te digo, com fervor,/ que te gosto como sal/ como o sal e o seu sabor.” (FARIAS, 2003).

O rei não gostando dessa resposta mandou dar fim a filha, o criado não teve coragem e a desprezou na mata, onde encontrou um couro de carneiro. Então vestiu e foi procurar abrigo. Conseguiu ajuda e emprego em uma casa onde morava uma mãe e seu filho, cuidava dos patos, dando alimento e banho. Todos os dias levava os patos para o açude e por capricho sumia com um pato por dia.

Para investigar o caso, o filho da dona dos patos foi ver no açude o que ocorria, e viu a cena que mudou sua vida, “O bicho se transformou/ numa nua e linda moça/ e o rapaz se apaixonou.” (FARIAS, 2003). Na festa do casamento a moça cozinhou todos os pratos, convidou o rei e fez questão de servi-lo, o rei com expressão que a comida faltava algo, afastou o prato, e a moça que estava disfarçada apareceu. Pediu a bênção ao pai e disse: “Não é por mal/ mas eu sou a sua filha/ a que o senhor deu o fim/ porquê não gosta de sal.”

E assim chega ao final
o drama da bela moça
que vivia como um bicho
feio, triste, sujo e mal.
A que o pai deu sumiço
por não ter compreendido
o quanto é bom o sal.”
(FARIAS, 2003, p.101)

Dar valor às coisas simples da vida como nossas memórias, que não vemos sua importância, passa despercebido aos nossos olhos, mas é essencial para vida. Como o ingrediente da estória, o sal, que é visto como algo sem valor, mas a ausência dele faz uma enorme diferença. Fazendo uma analogia com nossa realidade atual, atípica, em dias que estamos enfrentando uma pandemia, percebemos como faz falta o ato de um simples abraço ou de estar isolado sem a companhia dos seus.

Voltando ao livro de Piedade Farias, temos heróis extraordinários, com façanhas inesperadas, como os personagens presentes na Literatura de Cordel e no teatro de Ariano Suassuna. Com romance, bárbaros, dramas, tragédias, com recortes clássicos assemelhando-se algumas vezes aos contos maravilhosos, como a estória de “Tíssima e o rei”, uma donzela guerreira, que se veste de homem para conseguir vencer as batalhas da vida, outro exemplo é a estória das “Três filhas do rei e o bicho da cara de carneiro”, em que a filha mais nova não soube expressar o quanto amava seu pai. O rei ao perguntar o quanto ela o amava, não aprovando a resposta, expulsa a própria filha do seu reino. O individual cruza o coletivo, pois esse enredo está presente na obra teatral de William Shakespeare, “O rei Lear”.

Essas histórias que vimos narradas por Vitória Ferreira da Silva, recontadas por Piedade Farias de maneira artística, são reflexões metafóricas, vividas no segmento social, uma luta implícita de identidade social. Juntas desenvolvem formas de expressão, refletindo sobre si e o mundo, um importante papel social para perpetuação dessas memórias e valorização da nossa tradição oral. A Literatura brasileira é recheada de personagens que narram contos populares de tradição oral, uma mescla de culturas, como as das contadoras de histórias que aparecem no romance de José Lins do Rego, “Menino de Engenho”; a Tia Anastácia e Dona Benta de Monteiro Lobato, “Sítio do Pica pau amarelo”; Chicó do “Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto aponta um resgate da literatura popular nordestina, de tradição oral, que possibilita uma visita as nossas raízes. Quando elucidadas nossas memórias, refletimos sobre nós mesmos e os outros. Uma reflexão metafórica do segmento social e suas vivências, desta forma, nos organizamos e transmitimos expressões, com o objetivo de empoderar e manter nossa identidade cultural.

A pesquisa vem nos despertar como tudo começou. Sua importância social na construção de valores traz a lume o pensamento crítico das memórias coletivas. Subsistem diversas formas artísticas e culturais e nenhuma anula a existência das outras, portanto não existe, ou não deveria existir hierarquias literárias.

Todavia, buscamos a valorização da arte popular, aquelas que estão às margens. A visão antropofágica mostra uma proveitosa construção polifônica, um trabalho de intertextualidade, e uma resistência por meio de manifestações artísticas e culturais. Como as demais, a cultura popular é feita de maneira organizada e pensada, com o objetivo de trazer sempre reflexão de si e do mundo, contendo eventos comprometidos em denúncias sociais.

A memória coletiva visita o passado, assegura o presente e cria expectativas futuras, esse fenômeno social tem atividade contínua, graças ao trabalho incansável de pessoas preocupadas com a ação social e a linguagem produzida por estas. A literatura e as demais expressões artísticas têm a função de propagar esses registros de memórias, dados históricos e políticos/sociais.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1990.

BÍBLIA SAGRADA, A. T. **Gênesis**. In Bíblia tradução em português por João Ferreira de Almeida. São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1969, p.39- 40.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Memórias de Velhos. São Paulo, USP, 1994.

FARIAS, Piedade. **Estórias de se contar**. João Pessoa. Ideia. 2003.

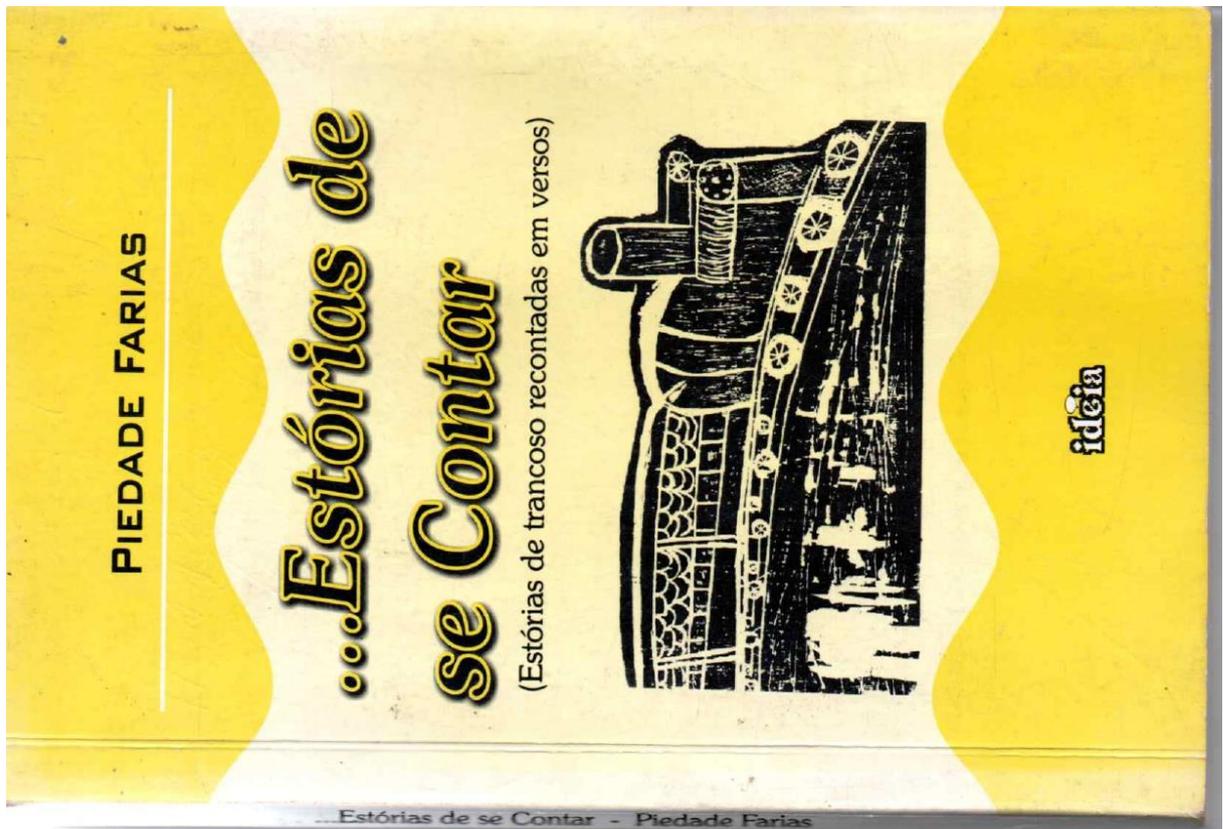
MOREIRA, Terezinha Taborda. **Literatura e Oralidades**. Minas Gerais. PUC, 2015.

RUIZA, M. et al. Biografia de Paul Zumthor. In: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/z/zumthor.htm> Acessado em 13 de maio 2021.

SCHIFFLER, Michele Freire. **Literatura e Oralidades na Performance do Tempo**. REVELL, Espírito Santo, v 2, nº 16, p. 112 – 134, ago. 2017.

SOUSA, Lima Willian. **O Retábulo Conceitual de Paul Zumthor: Vocalidade Performance e Carlos Magno**. João Pessoa, UFPB, 2015.

ANEXOS





*...esse matuto é
danado e acertou
a questão...*

Essa estória, ouvi contar **A**
e conto agora ao senhor **B**
é estória de adivinhar... **A**
contam que um certo matuto **C**
que nem sabe soletrar **A**
mas se meteu a enfrentar **A**
um vassalo assoberbado **D**
e um rei muito do astuto. **C**

Sei que o senhor é letrado **A**
inteligente, formado **A**
tem estudo, tem valor. **D**
Não quero que o senhor **B**
tome a estória como insulto **C**
mas, às vezes, é bem certo **D**
se sai melhor o esperto **D**
mesmo ele não tendo estudo. **C**

Não quero me demorar **A**
lhe peço só um instante **B**
pra estória, eu começar: **A**
Era uma vez, num lugar **A**
em um reino bem distante **D**
onde um rei intolerante **B**
junto com o seu vassalo **C**
vivia só de esnobar. **A**

Por ser metido a valente
rico, nobre, inteligente
gostava de desafiar
príncipes de outro lugar.
Contam que em seus desafios
pegava a fama de frouxo
quem ao castelo faltasse
e se erresse, era morto.

Nisso, a fama de maldoso
desse rei se estendia
crescia pelos reinados
os vizinhos e os distantes
e, ai do pobre coitado,
que ao ser do rei convidado
duvidasse um só instante
de ser um desafiado.

Dizem que foi mais de mil
os que lá compareceram
pra responder o desafio
esses, de lá não voltaram
esses, nunca mais se viu.
Recebiam uns tais castigos
e fosse amigo ou inimigo
tinha o fim de quem sumiu.

Mas, de uma feita, um príncipe
de outro reino vizinho
que era um rapaz bondoso
recebeu, meio intrigado
desse tal rei, o recado
pra ir no tal desafio
e disse: "Eu tô pebado
já me sinto um cabra morto".

Nesse instante foi chegando
o seu fiel empregado
que lhe disse: "Meu senhor,
Sei que não sou sabedor
do que sabem os letrados
pois sou matuto do mato
mas pelo senhor eu vou
enfrentar esse vassalo".

O príncipe, ajoelhado,
disse: "Ai, São Benedito,
São Francisco, São Genaro
a Deus sou agradecido
porque agora estou salvo".
Botou logo a mão no bolso
e, ao fiel empregado,
deu uma moeda de ouro.

O matuto disse: "Eu vou" e montou no seu cavalo por muitos dias andou sem sentir nenhum cansaço. Pegou do dinheiro dado pra comprar pão e se fartou porém guardou o que sobrou pra comer no tal reinado.

Quando lá ele chegou encontrou o tal vassalo ao qual se apresentou dizendo: "Eu vim enfrentar o desafio no lugar do meu amo, meu senhor". O vassalo riu, pensou: "Esse aqui já tá no papo".

Aí falou pro matuto: "Três perguntas vou fazer pra você responder mudo sem me dizer também nada, depois das respostas dadas se errares, vais morrer e se acertar, perco tudo".

Pra começar, o tal vassalo pegou as uvas de um cacho mostrando bem ao matuto que, nem um pouco aperreado lhe respondeu, também mudo abrindo bem suas mãos mostrando, sem embaraço, que tavam cheias de pão.

Se fez silêncio no quarto ficou surpreso o vassalo pois o matuto, apressado tinha acertado a pergunta. O vassalo disse: "Ó, diacho não me sinto derrotado ainda o deixo derrubado e dou-lhe um chute na bunda...

... pois acertou a primeira mas vamos ver a segunda". E, começando a pergunta, fechou bem a sua mão levou-a acima e abaixo encostando-a no balcão, aí o matuto, afobado acabou com a questão.

E disse: "Essa agora é sopa" dando um murro com bem força bem no meio do balcão. O vassalo aperreado disse: "Assim tô é desgraçado valei-me São Semeão que esse matuto é danado e acertou a questão".

Muito embora, aborrecido não se dando por vencido partiu pra última questão, com o dedo levantado tava o desafio acabado era hora da decisão, se errasse essa, o matuto ficava logo no chão.

O matuto nem pensou sem nenhum medo mostrou os dois dedos pro vassalo, que logo, logo gritou: "Matuto, és mesmo o diabo e eu já tou aperreado vou ser muito castigado porque você já ganhou".

O rei ficou intrigado pois, as perguntas do vassalo ninguém nunca acertou, e foi dizendo ao vassalo: "Me explique, bem explicado como esse homem do mato sem nunca ter estudado as perguntas decifrou?"

O vassalo se explicou: "Na primeira eu perguntei se por uva o homem pecou e ele respondeu, então pecou sim, mas pelo pão o que Jesus consagrou, do pecado se livrou foi redimido o cristão..."

Já na segunda questão perguntei, sem embaraço, com a mão acima e abaixo se no céu como na terra manda Deus e mais ninguém; o matuto, com desdém baixou com força o seu braço e tudo foi confirmado...

Na terceira, eu perguntei se um só Deus no mundo havia pois um dedo eu lhe mostrei e, quando menos esperei, tinha o matuto acertado, com dois dedos levantados respondeu que o pai e filho em um Deus foram reunidos”.

O fato, o rei acatou A
 tinha o matuto acertado B
 aí mandou chamar o príncipe C
 e todos do seu reinado B
 fez festa, cumpriu o trato B
 e assim o caso encerrou A
 dando a mão da sua filha D
 que com o príncipe casou. A

Todo mundo se fartou
 participou da festança
 se divertiu e dançou
 foi aquela comilança,
 quando foi lá pelas tantas
 que a brincadeira acabou
 o príncipe se retirou
 com todos do seu reinado.

Foi quando ele chamou o matuto para o lado e logo lhe perguntou como foi que ele acertou as perguntas do vassalo. O matuto, assim falou: “Aquele tal de vassalo nada, nada perguntou...”

Ele apenas se gabou que tinha fartura e luxo pois tinha enchido o bucho com as uvas de sua mão”. Eu disse: “Por isso, não pois eu também tô é farto tô aqui de bucho inchado e ainda sobrou foi pão...”

Aí ele se zangou fez que ia me dar um murro batendo a mão no balcão, e eu disse, mesmo calado, que num se metesse a brabo que num se atrevesse, não, batendo a mão com mais força bem no meio do balcão...

Aí vi que o tal vassalo
não era de nada, não
pois, em vez de me dar soco,
prometeu furar meu olho
mostrando o dedo da mão.
Eu peguei, mostrei os dois
pois vindo com confusão
sai com os dois olhos furados”.

Aqui termino a estória
do rei com o seu vassalo
que foram enfim derrotados
pelo príncipe e o matuto.
O príncipe, por sua vez
casou com a filha do rei
viveu feliz e ricoço
como também o matuto.

No tal reinado acabou
os desafios obrigados
que espalhavam horror
e a morte numa forca...
os súditos foram libertados,
correu a notícia solta,
e o rei, o meu senhor,
mandou que contasse outra.

... e assim se foi...

Em um pomarado tinha
muito pobre e bem distante
muitos outros pomares
dois irmãos e a filha
(o pai, a mãe e uma moça
que se chamava de Tíssima
muito bonita e bonita
tal qual a moça de hoje)

Mas não se sabe mais

TÍSSIMA E O REI

... e assim se foi...
... e assim se foi...

Com o cabelo já branco
se foi a moça de hoje
chegou, voltou e assim
logo o nome foi trocado
por Píssima e assim chegou
pegou água, pegou feijão
colocou no fogo e assim
e foi pra trabalhar

Em um povoadinho muito pobre e bem distante moravam numa palhoça dois lenhadores e a filha (o pai, a mãe e uma moça que se chamava de Tíssima muito bondosa e bonita tal qual boneca de louça)

Por ser pobre lhe faltava conforto, pão, agasalho... e cadê arranjar trabalho que a mulher ninguém dava? Foi quando pensou com calma: "Me faço de homem e arranjo" aí arrumou uns panos e costurou uma calça.

Com o cabelo já cortado botou camisa de brim, chapéu, botina e assim logo o nome foi trocado por Pires, e assim chamado pegou água, pegou pão colocou no seu surrão e foi procurar trabalho.

Ganhou a lapa do mundo andou por todo caminho seguindo o rumo do vento dormindo mesmo ao relento cercada de passarinho, borboleta e até arara pois era amiga dos bichos e com todos conversava.

Ao passar por um riacho viu um magote de piaba brigando, tudo atacada e foi dizendo: "Ô, com o diacho, piabas, o que tá havendo que vocês tão se comendo?" "É fome, se nos der pão fica tudo apaziaguado".

Tíssima abriu seu surrão tirou do pão uma fatia jogou n'água e em correria as piabas se alimentaram, foi quando uma retirou do seu corpo uma escama e a Tíssima entregou dizendo: "muito obrigado...

...se encontrando precisado pegue a escama e chame o rei dos peixes e num instante seja qual for o pedido será depressa atendido não vá passar por vexame" Tíssima falou: "obrigado" e foi seguindo adiante.

Mais na frente viu um enxame de formigas se pegando era a fome vadiando maltratando as formigas. De novo abriu o surrão tirou um pedaço de pão dizendo: "comam, amigas, e matem logo essa fome".

Uma arrancou a perninha e entregou para o homem (que era Tíssima) disfarçado: "Ao se encontrar precisado invoque o rei das formigas e ao que for solicitado viremos, todas, em fila para atender o recado".

Tíssima falou: "obrigada".
 tocou em frente, apressada
 seu caminho continuando
 quando viu outra confusão,
 eram os urubus brigando
 aí lhes deu logo pão,
 os urubus se fartaram
 e acabaram a questão.

Disseram "obrigado, amigo".
 Um deles falou então:
 "Deixo uma pena contigo
 pra, se achando em perigo,
 chamar pelo nosso rei
 e resolver, de uma vez,
 o que a ele for pedido
 seja difícil, ou não".

Tíssima guardou no surrão
 e mais na frente encontrou
 briga de um com outro leão
 que Tíssima logo apartou
 dando um pedaço de pão.
 Um deles agradecido,
 tirou um pélo e entregou
 dizendo: "obrigado, amigo".



...tanto peixe veio d'água
 o mar chega fervilhava...

Disse: "Se acaso em perigo te encontrares, então, chame pelo rei leão que será logo atendido, do que for, és socorrido". Tíssima guardou no surrão e pensou: "na precisão chamo pelos meus amigos".

E Tíssima continuou a fazer a caminhada, andando por noite e dia até que enfim avistou um castelo muito grande como o dos contos de fadas avistou também as casas desse reinado distante.

Foi andando, já cansada finalmente lá chegou quando ao rei se apresentou dizendo: "Meu nome é Pires sou um humilde servidor vim de longe aperreado vim só pedir ao senhor que me arranje um trabalho".

A rainha logo olhou com um interesse danado o rei falou: "Eu contrato" mandou Pires ir prum quarto onde ele se acomodou, a rainha acompanhou que foi pra ficar sabendo em que quarto ele ficou.

Naquela noite inteira foi em Pires que pensou e logo um plano ela armou foi quando Tíssima escutou três pancadas em sua porta, abriu, e a rainha entrou dizendo: "Deixe que eu durma essa noite com o senhor."

Tíssima pensou: "Tô perdida, valhei-me, Nosso Senhor," e a rainha oferecida lhe pedindo, por favor mas num instante, foi Pires que se tornando bem firme falou muito decidida e o seu pedido negou.

A rainha ficou braba
 armando logo trapaça
 com uma grande mentira
 e disse ao rei: "Ó, senhor,
 Seu Pires ontem me disse
 que vai ao fundo do mar
 somente para buscar
 nossas alianças de ouro".

O rei bem quis duvidar
 chamou Pires, perguntou
 se ele disse isso ou não,
 Tíssima lhe falou então:
 "Eu não disse, mas eu vou".
 o rei disse: "Pra viagem,
 diga o que vai precisar
 que prontamente lhe dou".

Mas Tíssima nada levou.
 Chegou na beira do mar
 chamou pelo rei dos peixes
 que tava de prontidão,
 tanto peixe veio d'água,
 o mar chega ferveilhava
 e, depressa, as alianças
 botaram na sua mão.

As alianças de ouro
 com os nomes bem gravados
 duas jóias, dois tesouros
 que tempos atrás, num naufrágio
 em um mar tempestuoso
 o rei perdeu, e com gosto
 de volta ele recebeu
 com um sorriso no rosto.

Ficou o rei satisfeito
 a rainha, com desgosto
 e Tíssima, aliviada
 mas, de repente, ao sol posto
 quando Tíssima descansava
 tirando uma madorna
 ouviu pancada na porta
 ficando preocupada.

Era outra vez a rainha
 que falou com voz sinistra:
 "Abra, Pires, essa porta
 senão vou até o rei
 e lhe invento dessa vez
 uma tão grande mentira
 que vou te ver mesmo é morto
 pendurado numa corda".

Tíssima não abriu a porta e, novamente a rainha falou ao rei, bem zangada: "Sabe, rei, ó meu senhor, Pires disse que juntasse umas três sacas de pólvora com cimento de três sacas que ela separa de novo".

O rei disse "aceito o jogo muito embora inda não saiba onde Pires quer chegar". E, nesse mesmo momento juntou a pólvora e o cimento e disse: "Pires, vem cá: que você disse, eu já sei não sei se vai separar".

Pires falou: "Deixe estar que nada disso eu falei mas me atrevo a separar, e amanhã, ao acordar encontram o serviço feito podem ir todos deitar". Chamou o rei das formigas e elas vieram trabalhar.

Chegaram todas em fila para ajudar a amiga e, sem os olhos piscar, de manhã tavam as sacas nos seus cantos, separadas cimento, lá; pólvora, cá. A rainha ficou braba e quis logo se vingar...

dizendo: "Ó, senhor, meu rei Pires falou, dessa vez que arranje um rapaz pra deitar com sua prima e, no outro dia, bem cedo quando o senhor abrir o olho vai ver, mas não tenha medo que estão de menino novo".

E o rei: "Não pode ser, se for mentira de Pires dessa vez ele vai ver".

De novo o mandou chamar pra Pires se apresentar e dizer, sem ter segredo Pires falou: "eu não disse, não disse, mas me atrevo".

Foi no surrão e havia uma peninha e um pelo pegou a pena, e de joelhos fez depressa o seu apelo: "Valhei-me, rei dos urubus, me tire dessa cilada senão acabo na forca numa corda, pendurada".

Os urubus acudiram ouviram o que Tíssima falava foram embora e na volta passaram logo na porta aonde o casal estava deixaram lá a criança com a placenta e o umbigo no ponto de ser lavada.

Quando o casal acordou um grande susto tomou "Depressa", a moça gritou "Me tragam logo a parteira que a coisa aqui já tá feita" aí a criança chorou o rei correu e encontrou a prima bem satisfeita.



...o rei disse: "eu duvido, eu nunca ouvi voz de bicho..."

Mais uma vez foi desfeita a vingança da rainha que passava por coitadinha se fazendo de direita e assim mesmo, furiosa ainda foi bater na porta tentando ser boazinha mas Pires não lhe deu bola.

A rainha disse: "Ingrato tu não me abres a porta mas já tá chegando a hora de me pagares bem caro". E foi ao rei com o recado de que Pires vai ao mato só pra domar uma fera e trazê-la pelo laço...

e disse: "Ó, meu rei amado pode preparar a festa chamar os subordinados, condes, príncipes, vassallos moradores do lugar; pois quando Pires chegar trazendo consigo a fera vai fazer ela falar".

O rei chamou logo Pires e disse: "Você se excedeu, como é que prometeu algo que ninguém fará?" E Pires lhe respondeu: "Eu não disse mas eu faço eu trago a fera no laço e ela vai tagarelar."

Dito isto, se recolheu e, sozinha no seu quarto, vestiu logo o seu gibão e foi direto pro mato, chamou pelo rei leão contou que tava acuado e em má situação.

O leão disse: "Pois não me amarre logo o laço e vamos lá pro palácio desmascarar a rainha dar-lhe uma boa lição, que aqui, na minha mão tenho um plano bem guardado só falta por em ação".

Aí os dois caminharam
 Pires na frente e a fera
 carregada pelo laço.
 Quando chegaram ao palácio
 o rei disse à multidão:
 “Se afastem, dando espaço
 pra Pires, com o leão
 que ele foi buscar no mato”.

Inda falou: “Muito bem
 cumpreste parte do trato
 trouxeste o bicho no laço,
 não enganaste ninguém.
 Veremos o que vem depois
 porque se o bicho não fala
 as cordas tão amarradas
 preparei força pros dois.”

E dirigindo a palavra
 agora, para o leão,
 disse: “Essa multidão
 espera ouvir tua fala,
 se é que tens mesmo voz;
 se tens, diz uma verdade
 com toda a sinceridade
 fala, já, bicho feroz”.

Não se ouviu uma palavra
 pois ficou mudo o leão
 exaltada a multidão
 e Tíssima, aperreada.
 A rainha ergueu a mão
 e gritou: “Eu tô vingada”
 Pires falou “Inda não
 pois se eu pedir ele fala”.

Nisso o rei disse: “Eu duvido,
 eu nunca ouvi voz de bicho
 e não vou me enganar, não”.
 Pires falou: “Cuido disso
 vou cumprir o prometido,
 pra acabar a confusão
 eu vou pedir ao leão
 que fale o que for preciso”.

Quando o leão escutou
 de Tíssima, o grande pedido
 pensou: “É chegada a hora
 e eu vou é fazer bonito,
 acabo a senvergonheza
 e boto essa senhora
 pra correr daqui pra fora
 perdendo o título de alteza”.

E disse: "Ó majestade
pediste sinceridade
pois vou dizer ao senhor
só a verdade de tudo;
pois se Tíssima fosse Pires
seria uma grande dor
porque o rei, meu senhor
seria corno, cornudo".

Dito isto, todo mundo
correu atrás da rainha
pra lhe apertar o pescoço
mas de repente, um estrondo
provocou grande alvoroço;
foi a rainha, amarela
que despencou da janela
caindo dentro do fosso.

Passado todo o sufoco
que, como Pires, enfrentava
Tíssima não usou mais calça
nem gibão, nem guarda-peito
até soltou o cabelo
botando laço de fita
voltando então a ser Tíssima
usando um lindo modelo.

Agora tinha descanso
ninguém mais lhe aperreava
por todos era admirada...
o rei notou seus encantos
entre outras qualidades
o amor foi aumentando
acabaram se casando
foi grande a felicidade.

À festa de casamento
feita com muito capricho
vieram todos os bichos
todos foram convidados
Entrou na perna de pinto,
saiu na perna de pato
e o seu rei mandou dizer
que lhe contasse mais quatro.

o conteúdo do livro

Era uma vez um certo rei
de nome Diquiza, sem pai
depois de certa e fraca idade
deu-lhe o nome de Diquiza
com três moças e três
crianças, três, Diquiza
diquiza para se ocuparem.

E era ainda mais feliz
porque, entre prata e ouro
teve o maior dos tesouros.

AS TRÊS FILHAS DO REI E O BICHO DA CARA DE CARNEIRO

As três filhas do rei.

...todas três muito amorosas.
Mas o rei, um belo dia
morreu... matava...
sobre as filhas que ele tinha
se todas três lhe amava
e pensou: "Se perguntando,
e perguntar não é falta".

Era uma vez um certo rei de uma riqueza sem par dono de terra e mais terra da vista nem alcançar com rios, matas e gados criados, jóias, cavalos riqueza pra se orgulhar.

E era ainda mais feliz porquê, entre prata e ouro, tinha o maior dos tesouros que eram suas filhas moças: eram três sonhos, três rosas três donzelas tão formosas três bonequinhas de louça...

...todas três muito amorosas. Mas o rei, um belo dia matutava... matutava... sobre as filhas que ele tinha se todas três lhe amava e pensou: "Só perguntando, e perguntar não é falta".

BICHO DA CARA DE CARNEIRO
AS TRÊS FILHAS DO REI E O

Então foi, se aproximou da sua filha mais velha e, pra ela, perguntou lhe falando mesmo assim: "Ó, minha filha tão bela me responda, por favor, como é que gostas de mim?"

A moça respondeu assim: "Meu pai, nesse belo instante em que a natureza festeja com luz rosada e brilhante o momento do arrebol, eu te digo, com certeza, que eu te gosto como o sol."

O pai, muito satisfeito, com tanto amor declarado pensou, sem nenhum receio, depois do dia findando: "You ver se sou bem aceito e, também, se sou amado por minha filha do meio".

E essa filha respondeu à mesma pergunta feita: "Diante dessas estrelas brilhando na noite nua e eu, como filha tua digo com toda certeza que te gosto como a lua".

O rei muito envaidecido foi ter com a filha mais nova pra poder tirar a prova de que era correspondido e, quando sentaram à mesa para ser servida a ceia, lhe disse: "Fale comigo...

...e diga como me gostas?" Ela lhe falou: "Meu pai, diante da mesa posta com fartura sem igual eu te digo, com fervor, que te gosto como o sal como o sal e o seu sabor".

O rei de nada provou
e até sentiu-se mal
zangado, se levantou
e ao criado ordenou
pra dar logo fim à vida
daquela maldita filha
que lhe gosta como o sal.

O criado a carregou
pra dentro do matagal
embora, por sentir pena
a sua vida poupou.
Ela ficou desprezada
perdida naquela mata
e, desconsolada, chorou.

Quando o dia clareava
ela viu que precisava
procurar algum lugar
pois o frio incomodava
além do frio tinha o medo
de ser com vida encontrada
e cuidou de se afastar.

Durante essa caminhada
ela encontrou um carneiro
que tava ali no chão morto
tirou-lhe, inteiro, o couro
com o couro se vestiu
escondendo o seu rosto
e desse jeito partiu.

Foi em busca de um pouso
debaixo daquele couro
andando sem se cansar,
quando subiu num rochedo
avistou um vilarejo
e disse: "Eu vou pra lá
com esse couro de carneiro".

Mas lá lhe batiam a porta
foi só confusão e medo
todos temiam o tal bicho
que procurava um emprego
(mesmo em troca de abrigo),
foi quando deu com uma casa
onde morava mãe e filho...

...e disse-lhes: "Me dê arrego que eu faço o que for pedido".
 A mãe falou: "Não dou, não. Quem vai dar emprego a bicho?"
 O filho disse: "Mãe, dê e se ele, assim, merecer terá comida e abrigo".

Logo depois desse fato ficou resolvido, ficou abrigado o "bicho" somente com a obrigação que era cuidar dos patos, pastorear, dar alimento, banho e outros cuidados.

Todos os dias, o "bicho" ia com tudo que é pato para o banho no açude que ficava lá embaixo, quando os patos mergulhavam a moça tirava a roupa e dentro d'água pulava.

Mas, todo dia, no banho um pato ela matava e antes de matar, falava rodando o cajado no ar: "Pato pr' aqui, pato pr' acolá é esse que eu mato, filha de rei não pastora pato".

Nisso, a mãe, preocupada com esse estranho sumiço chamou num canto o filho pra lhe contar o tal fato: "Meu filho, acho que o bicho se não é por mal, é capricho mas anda matando os patos".

Ao saber do ocorrido o filho falou pra mãe: "Amanhã eu vejo isso" ... Quando foi hora do banho se escondeu bem escondido ficou de longe espiando pra tomar pé do sumiço.

Foi quando o 'bicho' chegou
 trazendo consigo o bando
 de pato, tudo gritando,
 que na água timbungou.
 O 'bicho' se transformou
 numa nua e linda moça
 e o rapaz se apaixonou.

Tudo foi observado
 mas de nada que viu falou
 ficou muito encafifado
 e feito louco emudeceu
 com aquela cena toda,
 pensava tanto na moça
 que até adoeceu.

Ficou doente de cama
 com nenhum remédio se deu
 nem lambedor, nem meisinha
 erva-do-mato, mutamba
 reza forte, urtiga branca
 não curava o mal que tinha
 nem apagava essa chama.



Foi quando o "bicho" chegou...

pois vou fôrmoço
 O rei acastou
 e veio, solame

A mãe, muito apereada
 ao ver aquele estrupício
 disse: "Fale logo, filho
 e diga o que mais lhe agrada
 que faço o que for preciso".
 Ele falou: "Mãe amada,
 me traga aquele bicho".

A mãe lhe disse: "Meu filho,
 não me peça pra que eu traga
 aquele bicho esquisito".
 Ele falou em tom rouco:
 "Minha mãe, fico curado
 se aquele bicho danado
 me fizer um belo bolo".

O rapaz foi atendido,
 a moça lhe fez o bolo
 mas pegou o anel de ouro
 e botou dentro, escondido,
 ao comer, o rapaz foi vendo
 aquele belo tesouro
 e pensou em casamento.

A mãe gritou: "Ai, meu Deus
 eu não sei, nesse momento,
 o que mais me dá desgosto
 se é perder o meu filho
 assim, lhe vendo doente,
 ou, se é dá-lo em casamento
 pra esse asqueroso bicho".

O rapaz nem se importava
 com todo o sofrimento
 que à mãe ele causava
 marcando o seu casamento,
 pois, achando aquela jóia,
 ele não mais duvidava
 de que o bicho era a moça.

O 'bicho' aceitou o pedido
 e disse: "Estou contente,
 porém, pra esse momento
 eu quero o rei presente
 pois vou fazer a comida".
 O rei aceitou o convite
 e veio, solenemente.

Foi uma festa bonita
 mas ninguém lhe viu o rosto...
 tinha doces, frutas, bolo
 flores e laços de fita.
 Só o 'bicho' com aquele couro
 (como um monstro horrroso)
 tinha aparência esquisita.

Quando foi chegando a hora
 da ceia, enfim, ser servida,
 o 'bicho' falou pra sogra:
 "Sirva a todos os convidados
 mas, já estou decidida,
 que pro rei e seus vassallos
 sou eu quem boto a comida".

E mesmo assim fez a moça
 pois a comida do rei
 ela serviu toda insossa.
 O rei, com expressão tosca
 afastou terrina e prato
 e, o bicho, por outro lado
 transformou-se em bela moça...

Livrou-se do couro, enfim
 que lhe escondia o rosto
 pediu a benção ao pai
 e disse: "Não é por mal
 mas eu sou a sua filha
 a que o senhor deu o fim
 porque não gosta de sal".

E assim chega ao final
 o drama da bela moça
 que vivia como um bicho
 feio, triste, sujo e mal.
 A que o pai deu sumiço
 por não ter compreendido
 o quanto é bom o sal.